

## **DANÇA DOS ORIXÁS: Reflexões sobre performance, ritual e imaginário no espetáculo**

Leandro Barbosa dos Santos<sup>1</sup>; Francisco Luiz Pereira da Silva Neto<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [profleandrobarbosa@hotmail.com](mailto:profleandrobarbosa@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [francisco.fpneto@gmail.com](mailto:francisco.fpneto@gmail.com)

Tendo a sua 1ª edição em 13 de maio de 2017 na cidade de Pelotas/RS/Brasil, o espetáculo Dança dos Orixás atualmente já se encontra em sua 10ª edição. O evento é promovido pela Charqueada São João em parceria com a Cia de Dança Afro Daniel Amaro, contando com o apoio institucional da Prefeitura de Pelotas.

Este é um espetáculo que surgiu com base na Memória, Acervo Material/Imaterial e Patrimônio Histórico da cidade de Pelotas, com objetivo de incentivar o conhecimento da história local, especificamente no período da economia do charque, o que muito contribui para explicar a origem da cidade.

O espetáculo busca construir uma narrativa que tem seu início na entrada da Charqueada, percorrendo um trajeto que elaborado com o intuito de destacar diferentes aspectos históricos. Cada orixá é concebido por um movimento característico na dança, acompanhados pela narração de uma atriz que segue um percurso predefinido apresentando os bailarinos em seus papéis.

Estas exterioridades performáticas se ressaltam por meio de uma musicalidade absorvente, onde toques e cantos se comunicam com os movimentos dos corpos dos dançarinos. Conforme a atriz caminha pelo trajeto com o público, os personagens Bará, Ogum, Oxum e Oxalá vão se agregando ao espetáculo, descrevendo uma narrativa de dor, que reflete em seu ápice a superação dos escravizados.

O ponto culminante do espetáculo ocorre na Dança dos Orixás que é realizada em frente à antiga senzala, onde os dançarinos acompanhados pelos toques dos Ogans e seus atabaques, que através da música e ritualidade definem os distintos momentos do espetáculo.

Jogando com o imaginário do espectador perseguimos as sensações e emoções geradas pelo o que é observado em contraposição ao que é sentido. Assim, percebemos que a performance evocativa da dança dos orixás conduz

o expectador a um impasse: onde podemos reconhecer os limites entre a arte e religiosidade? É nesta perspectiva que se desenrola a tensão proposta pela Dança dos Orixás.

Diante deste jogo de símbolos e performances que são articulados no decorrer da apresentação, percebemos os modos como artistas lançam mão (ou não) de sua herança afro-brasileira em experiências individuais e coletivas, permitindo que os expectadores sejam conduzidos por uma percepção que projeta a duração da memória sobre o espaço, acendendo os fervores da fé e etnicidade.

O espetáculo também possibilita aos expectadores perceberem que cada um dos Orixás possui uma maneira particular de dançar, conseqüentemente manifestas em expressões e movimentos, estes que são decorrentes de seus arquétipos mostrados na mitologia dos Orixás.

O arquétipo dos Orixás faz referência às associações de imagens com traços psicológicos desenvolvidas no imaginário do público, estes que também podem ser identificados em diferentes culturas. *"O arquétipo dos Orixás é distinguido pela ênfase das qualidades personificadas nos elementos naturais."* (MARTINS, 2008. p. 67).

O olhar, a postura, os movimentos e sensualidade, é a forma como o Orixá se referencia através do corpo. Não é somente a dança, mas a composição que produz a energia e o desígnio. Assim, destacamos que os orixás possuem uma movimentação detalhada, complexa e exigente.

Os arquétipos são elementos definidores de movimentos, performances e relacionamentos, e em conformidade com esta definição o espetáculo Dança dos Orixás em seu conjunto de toques, cantos, movimentos, símbolos, destacam a importância do arquétipo dos Orixás enquanto elementos constituintes e produtores de cultura.

Toda a estética performática representada na forma do corpo, são elementos constitutivos na composição da representação de cada Orixá. Estes são os códigos do que propomos como "eixo teórico" para compreensão do espetáculo. São eles que nutrem a imaginação, definem as atuações, estabelecem as opiniões, originando as intencionalidades do movimento por meio do acesso ao universo dos Orixás.

Esta pesquisa possui por alicerce e aporte teórico a antropologia da experiência e performance. Neste sentido, percebemos que a Dança dos Orixás busca mostrar que a arte é essencial no processo de apropriação e ressignificação dos espaços de sofrimento e memória, produzindo ilimitados significados tanto para os artistas quanto para a sociedade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAUMAN, R. Verbal Art as Performance. In: **American Anthropologist**, vol. 77, n. 2, jun 1975, p. 290-301.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual. In: **Textos escolhidos de cultura e arte populares**. v. 3, n. 1, p. 17-27. UERJ, Instituto de Artes: Rio de Janeiro, 2006.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Os sentidos no espetáculo. In: **Revista de Antropologia**. x v. 45, n. 1, pp. 37-80. USP: São Paulo, 2002.
- CAVALCANTI, M. L. V. de C. Ritual, drama e performance na cultura popular: uma conversa entre a antropologia e o teatro. In: **Série Passagens**, n. 12, Janeiro de 2011, Fórum de Ciência e Cultura, UFRJ, 18 p.
- CONNERTON, P. Práticas corporais. In: **Como as sociedades recordam**. Oeiras, Celta Editora, 1999, p. 82-119.
- FERREIRA, F. C. B. **Pensar / Fazer: Antropologia, Performance**. Universidade de São Paulo, USP, Conceição, Conception, vol 1, n. 1, dez/2012.
- GOFFMAN, E. **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis/RJ: EditoraVozes, 1996, p. 11-75.
- GOFFMAN, E. Sobre a preservação da fachada – uma análise dos elementos rituais da interact social. In: **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis / RJ: EditoraVozes, 2011. (p. 13-50)
- HANNA J. L. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999. (p. 27-53).
- HANNA, J. L. "Dance in Religion" (cap. 5). In: **To Dance is Human**, de J. L. Hanna (Chicago and London: The Univ. of Chicago Press, 1979), 101-127.
- MARCUS, G. E. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2004, V. 47 N° 1. (p. 133-158).
- MARTINS, Suzana Maria Coelho. **A dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo**. Salvador: EGBA, 2008. 161 p. il
- MULLER, R. P. Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo. In: **Revista de Antropologia**, vol. 43, no. 2, 2000, 165-193.

- MÜLLER, R. P. "Ritual, Schechner e Performance". In: **Horizontes Antropológicos**, PPGAS, UFRGS, Porto Alegre, n.º24/ Antropologia e Performance, p.67-85,
- PEIRANO, M. A análise antropológica dos rituais. In : **O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 07-40.
- SÁ GONÇALVES, R. **A dança nobre do carnaval**. Rio de Janeiro: Editora Aeroplano, 2010, p. 203-263.
- SCHECHNER, R. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. In: **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011, p. 213-236.
- SCHRITZMEYER, A. L. P. **Jogo, ritual e teatro: um estudo antropológico do Tribunal do Júri**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- SILVA, R. A. A. Entre "artes" e "ciências": a noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais. In: **Horizontes Antropológicos**, Rio Grande do Sul, PPGAS, p. 35-65, 2005.
- TURNER, V. Liminaridade e Communitas. In: **O Processo Ritual**, de V. Turner. Petrópolis: Vozes, 1974.
- TURNER, V. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte) de Victor Turner. In: **Cadernos de Campo**, USP, n. 13, 205, p. 177-185.